

DAS DUAS, UMA

ARTIGO PEDRO
VICINÇO DE



A CABA de ser reeditado *Nó Cego*, o romance com que Carlos Vale Ferraz (CVF) fez, em 1982, a sua brilhante estreia literária: um grupo de comandos, na frente de combate, em Moçambique, durante o consulado marcelista, tenta manter o espírito de grupo, a fé na sua missão e a confiança no seu chefe. Esta 4.ª edição não mereceria destaque se o autor não tivesse revisto o original para tornar ainda mais tenso, depurado e complexo este grande fresco sobre a guerra colonial e este comovente requiem sobre os que morreram em combate.

Em episódios que oscilam entre o pícaro e o patético, *Nó Cego* põe em

dição da conquista das fronteiras, a aventura dos Descobrimentos, a perda da independência, as invasões napoleónicas, as guerras liberais, a implantação da República, o salazarismo, Lisboa, ninho de espíes e porto da última esperança para os refugiados durante a II Guerra - nenhum desses momentos históricos está devidamente documentado através da ficção ou através do testemunho vivo daqueles que os viveram. Se é verdade que, ao contrário do que se passou com os outros períodos, a guerra colonial está bem documentada através do romance, também é verdade que, no tempo em que o cinema e a TV são os grandes propagadores da ficção, não ficou um filme



'Não temos memória, mas temos saudade'. Preferimos enaltecer *Os Lusíadas* a investigar o que foram os Descobrimentos

ena personagens vindos de todos os cantos do país e de várias origens sociais, que se inscreveram nos comandos por impulsos, convicções e expectativas diversas, mas irmanados perante o perigo e a tensão do combate. *Nó Cego* é o romance do fim das ilusões do Império, o reverso da epopeia, a versão desencantada de *Os Lusíadas* (nem lhe falta o episódio de 'A Ilha dos Amores', em que o sexo domina de um modo cru, sem arrebatamentos líricos), a desmistificação do heroísmo cultivado nos manuais salazaristas.

MAS o romance de CVF leva-nos também a reflectir sobre a relação difícil que os portugueses têm com a memória. Ao longo dos séculos, contam-se pelos dedos as obras de ficção que trataram com oportunidade e pertinência os grandes momentos da nossa vida colectiva: a fundação de Portugal e os episó-

dem uma série que aborde este episódio traumático da nossa História.

TALVEZ isso ajude a perceber uma frase luminosa que Rui Azevedo Teixeira, o autor do prefácio desta nova edição do *Nó Cego*, me disse um dia, quando o confrontei com essa atávica doença lusitana: «Não temos memória, mas temos saudade». Talvez isso ajude a explicar que nos refugiamos no nebuloso sebastianista, na memória difusa dos factos, que nos permite não enfrentar os problemas nem aprender com a História. Durante séculos, preferimos enaltecer *Os Lusíadas* a investigar o que foram os Descobrimentos, preferimos sonhar com o regresso de D. Sebastião a averiguar o que realmente aconteceu em Alcácer-Quibir; trocámos a História pelo mito, a verdade por uma ilusão conveniente.

apvicinco@neto1.com